

■ O projecto *Putos qui ata Cria*

Ana Fernandes Ngom*

*Putos qui ata Cria*¹ centrou-se na figura do Mestre-de-Cerimónias (MC), como educador social capaz de sensibilizar os jovens para a coesão social e o respeito pela diversidade cultural. Traduzido do crioulo de Cabo Verde significa "as crianças que estão a crescer". Foi o mote que orientou a criação de um álbum com músicas que abordam, através do ritmo e da poesia rap, questões que afectam muitos jovens, sobretudo nos bairros socialmente mais vulneráveis das periferias de Lisboa.

Putos qui ata Cria, financiado pela Comunidade Europeia, Medida 3 do *Programa Juventude*, enquadrou-se na Associação Juvenil Laços de Rua. Foi pensado e concretizado para consciencializar, incluir, encorajar e promover a aprendizagem intercultural entre jovens de diferentes bairros. O pontapé de saída foi num encontro de quatro dias, em regime residencial, que procurou facilitar conhecimento e partilha entre os jovens MCs, despertando o seu interesse para o trabalho conjunto.

De forma mais continuada foram envolvidos na iniciativa oito jovens *rappers*: L. King, Strike, Sette, Dama Bete, Sebeyks, Kromo, Lady F e Boss, que cresceram entre outros nos bairros das Marianas, Cova da Moura, Fontainhas e Estrela d'África (Damaia). O projecto decorreu entre os anos de 2005 e 2006 e teve uma duração de dezassete meses. No decorrer do processo o projecto ganhou várias formas. Passámos por momentos de maior indecisão, perdemos alguns dos jovens pelo caminho. Destacamos a participação do grupo no *II Encontro de hip-hop do Concelho de Cascais*; a participação de seis elementos do grupo no intercâmbio *Urban Connection* que decorreu em Setembro de 2005 em Estrasburgo (França) e a organização conjunta com a Associação Cultural Moinho da Juventude de um Festival da Juventude intitulado *Um outro mundo nu ta Cria*, expressão que tinha por objectivo sensibilizar os jovens para a possibilidade de um outro mundo.

Como animadora e impulsionadora do projecto penso que, perante os desafios da sociedade, educar para a acção é uma estratégia coerente e necessária quando intervimos ao nível das desigualdades socioeconómicas. A experiência relatada foi impulsionada pelo desejo de aproximar comunidades africanas, que em Portugal constituem dos grupos mais vulneráveis à pobreza, exclusão social e discriminação, dando voz a jovens que procuram garantias reais de progressão e valorização pessoal.

* Animadora sociocultural de origem cabo-verdiana.

Em Junho de 2007 na Semana Europeia da Juventude,² em Bruxelas, a iniciativa foi galardoada e reconhecida pelo Comissariado Europeu para a Educação, Formação, Cultura e Juventude, como uma boa prática que contribui para a participação e inclusão de jovens com menos oportunidades.

Notas

¹ Disponível em: <http://www.myspace.com/putosquiatacra>; <http://www.youtube.com/watch?v=UL5aHxCoFCc>; <http://blogs.myspace.com/index.cfm?fuseaction=blog.view&friendId=93622327&blogId=359675328>, acessado a 22.02.2010.

² Disponível em: http://ec.europa.eu/youth/sharingexperience/doc/thematic_compendia/good_practices_inclusion.pdf (p. 16), acessado a 22.02.2010.